



# LUTANDO NO BRASIL



*parte II*



---

Recife

---

São Roque

---

Rio de Janeiro

# LUTANDO NO BRASIL

**1. RIO DE JANEIRO**  
**ONDE GIGANTES NUNCA DORMEM**

**2. SÃO ROQUE**  
**BLACK BLOCS E LIBERTAÇÃO ANIMAL**

**3. RECIFE:**  
**PODER, AUTONOMIA, COTIDIANO E MACHISMO**

Está é a segunda parte do projeto, *LUTANDO NO BRASIL – Sobre grandes mobilizações e o que fazer quando a fumaça de dissipa.*

Os textos foram escritos em diferentes cidades e regiões do país e analisam os momentos de pico e de retração das mobilizações sociais, o que fazer para tirar o máximo em seu momento alto e como manter laços quando movimentos perdem fôlego.

A organização e a primeira parte do texto foram feitos em São Paulo e pretendem ser uma contribuição que analisa o todo e convida outros grupos a romper os limites das perspectivas locais e compartilhar diferentes formas de ver e agir em cada região. Assim, pessoas e coletivos de diferentes estados foram convidadas para escrever outros capítulos pensando e compartilhando experiências, questões e soluções para lutas anti-capitalistas de agora e que virão.

Para ler as outras partes e textos do projeto e muitos outros materiais, acesse o site

***[faccasficticia.noblogs.org](http://faccasficticia.noblogs.org)***

Boa leitura e nos vemos nas ruas!



# Rio de Janeiro: ONDE GIGANTES NUNCA DORMEM

## **1. RIO DE JANEIRO ONDE GIGANTES NUNCA DORMEM**

Os levantes de 2013 foram uma explosão do ódio e raiva acumulados pelas populações mais pobres durante anos. Não podemos esquecer que boa parte da classe média e das classes mais ricas também foram as ruas, reivindicando pautas burguesas e racistas. Dito isso, podemos afirmar, pelo que vimos nas ruas do Rio de Janeiro em 2013 e começo de 2014, que houve um levante das classes mais pobres, cansadas da miséria de suas vidas cotidianas, e de ativistas de correntes libertárias ou de uma esquerda combativa, sejam eles pobres ou oriundos de classes mais altas. Foi uma afirmação e concretização da descrença das políticas representativas que viram, através da ação direta, uma maneira de reivindicar suas demandas e extravasar toda dor, sofrimento e negação da vida imposta pelo modelo socioeconômico atual.

O que aconteceu no Rio pode ser comparado com os levantes na Turquia, os movimentos contra a OMC ao redor do mundo, os levantes na Grécia. Assim como nesses movimentos citados, onde apareceram grupos com um discurso reformista, junho de 2013 teve um protagonismo de pessoas que já não acreditam nem no estado neoliberal capitalista nem em formas da esquerda autoritárias. Vimos essas pessoas querendo construir, mesmo não sabendo como, novas formas de se organizarem. Sem sair do Rio, podemos comparar com as revoltas populares como a Revolta da Vacina entre outras, onde só foi preciso mais uma pequena faísca para que a população explodisse contra o estado

Como vimos nas ruas do Rio de Janeiro, a tática de ocupar vias públicas, botar fogo no que estiver ao alcance para impedir a repressão policial entre outras formas de ocupação do espaço público é bem típica da população mais pobre – os grupos anarquistas e comunistas cariocas apenas assimilaram essas táticas com outras táticas

que existem em outros países. O que aconteceu no Rio foi um pipocamento de várias revoltas na cidade inteira que se utilizaram de táticas ditas “Black Bloc” para reivindicar suas demandas. O que aconteceu, e continua acontecendo, foi que as revoltas que não tomam as ruas nas zonas onde vivem as classes mais ricas, ficaram e ficam invisibilizadas. A mídia assume, com sempre assumiu, um papel de “invisibilização” das lutas protagonizadas por classes mais pobres e marginalizadas, como abordaremos mais a frente.

Apesar do uso de “práticas espaciais insurgentes\*” já serem bem conhecidas e praticadas pela população pobre residente do Rio de Janeiro, desde 2013 nos vimos uma difusão do anarquismo muito grande. Hoje muitas pessoas pobres, não brancas e não heteronormativas se identificam com o anarquismo ou com outras formas libertárias de organização política, procurando se inserir ou em coletivos e organizações libertárias, quanto formando novos coletivos.





O maior legado de 2013, pelo menos no Rio de Janeiro, foi o descobrimento para muitas pessoas de formas de organizações sociais que vão para além e para o fim do Estado, que procuram se organizar e lutar por suas demandas fora das urnas. Hoje temos muitas pessoas novas, faveladas, negras e gays se envolvendo com lutas libertárias e vemos um esforço grande das antigas organizações e coletivos de acolherem novas pessoas e incentivarem com que estes criem seus próprios coletivos. Assembleias de bairros foram criadas, coletivos surgiram, pessoas pararam de acreditar que seu voto mudava algo e foram pra luta, como tivemos a concretização disso nas eleições do ano de 2014, onde no Rio a quantidade de votos nulos e brancos foram maior do que os votos que elegeram o governador do estado. Apesar dessas tentativas de abertura dos antigos coletivos e organizações libertárias para com essas novas pessoas que se aproximam do

anarquismo, o principal problema é criar espaço onde pessoas pobres possam se sentir a vontade, lugares mais solidários e que entendam as dificuldades que cada um tem para estar criando e fortalecendo uma luta contra o Estado e o Capital. Devemos pensar em maneiras de divulgar melhor o conteúdo e as táticas libertárias, que estas não fiquem presas nas paredes das academias e nem em livros que muitas pessoas não têm acesso. Ou seja, devemos criar espaços anarquistas que dialoguem e sejam mais simpáticos a pessoas pobres, negras e não heteronormativas que ainda não tiveram um contado com o movimento anarquista e libertário. Muitas vezes falhados em nossas formas de dialogar com o outro e nos fechamos e uma bolha difícil de agregar novas subjetividades. Devemos ser mais sensíveis aos tempos de desconstrução de cada um, não que devemos deixar de problematizar atitudes machistas,

fascistas e autoritárias mas, sabermos com lidar com algumas atitudes que estão encrostadas no cotidiano de alguns. Muitas vezes criamos redes de solidariedade frágeis que se tornam fáceis de romper, fazendo com que muitas pessoas que poderiam estar somando para uma desconstrução dos modelos socioeconômicos atuais se afastem e não se sintam a vontade de estar criando novas formas de organização social.

Devemos então pensar em como fortalecer as organizações populares e difundir de maneiras mais “didáticas” o conteúdo e ideais libertários. Fortalecer um discurso classista e combativo se torna cada vez mais importante para que consigamos em um próximo pico de revolta estarmos organizados e fortalecidos para combatermos todas as formas de opressão e exploração. Nos fortalecendo e construindo com cada vez mais pessoas conseguimos atingir o estado de maneira mais contundente e criar formas de resistência

que durem mais e que conquistem mais demandas e destrua as relações de poder que nos aprisiona e negam a vida. Ao sermos mais sensíveis e solidários com as demandas e sofrimentos das nossas companheiras iremos talvez construir um amaras mais fortes entre nos e nos tornamos mais fortes.

A repressão tende só a aumentar. Devemos no preparar nos fortalecer, crescer e aprender a respeitar o tempo de desconstrução das pessoas para que não as afastemos. As lutas populares não insurrecionais no Rio estão crescendo a cada dia, devemos encontrar maneiras para que consigamos encontra um equilíbrio entre as duas formas de ação, pois uma fortalece a outra sempre, porem devem ser alimentadas e discutidas em nosso cotidiano. É difícil apontar um horizonte, mas sem dúvida devemos continuar construindo e fortalecendo nossas lutam emancipatórias.





# **São Roque: BLACK BLOCS E LIBERTAÇÃO ANIMAL**

## **2. SÃO ROQUE BLACK BLOCS E LIBERTAÇÃO ANIMAL**

### **INTRODUÇÃO - EXEMPLOS, NÃO MODELOS**

Em outubro de 2013, um protesto contra o uso de animais em teste realizados em um laboratório no interior do estado de São Paulo se transformou em uma das mais emblemáticas ações diretas daquele ano que mudou o cenário político e os movimentos sociais no Brasil.

Após dias acorrentadas nos portões do Instituto Royal, na cidade de São Roque, denunciando o uso e o assassinato de animais com técnicas como a vivisseção (cortar animais ainda vivos e sem anestesia), ativistas autônomas atraíram a atenção da mídia e de outras organizações para a causa.

E na noite do dia 18 daquele mês a manifestação se tornou uma invasão de resgate que libertou quase 200 cães da raça beagle e dezenas de ratos.

Do lado de fora do laboratório, a estrada foi tomada por barricadas. Uma viatura da polícia militar e um carro da imprensa foram queimados por manifestantes. Do lado de dentro, jaulas foram esvaziadas, computadores, documentos e materiais de pesquisa foram destruídos. Paredes pixadas por símbolos da Frente de Libertação Animal (ALF) e ruas tomadas por Black Blocs. Toda uma geração de anarquistas sonhou com um dia como esse, onde táticas radicais se encontram, convergem e chamam a atenção de toda a população.

A invasão do Instituto Royal é um exemplo emblemático mas que também traz curiosidade e demanda reflexão. Como nas ruas tomadas na luta contra o aumento em todo o país em junho daquele ano, a batalha em São Roque contou com a presença de uma grande diversidade de pessoas. Diferentes idades, posições políticas, classe sociais e também diferentes táticas e modos de luta e organização. Ativistas que

defendem o “bem estar animal” ou que só se importam com animais de estimação estavam lado a lado com veganxs anti-capitalistas. Personalidades da TV ou ativistas burgueses pelos direitos animais atrás de barricadas feitas por Black Blocs anarquistas. Um mosaico de inúmeras formas e contextos de luta compensou a falta de organização com espontaneidade, e fez de uma estratégia improvisada sua arma contra uma polícia despreparada e incapaz de prever os movimentos de pessoas determinadas a agir.

Animais foram resgatados, o laboratório foi à falência e fechado, e o impacto nas leis e na opinião pública foi maior do que o ativismo estritamente legalista dos últimos cinco anos: até o início de 2014, novas leis que regulam e restringem o uso de animais em testes foram aprovadas, incluindo a proibição desse tipo de teste para cosméticos em todo o país.

A invasão serve com um exemplo de sucesso obtido quando a imprevisibilidade e ações espontâneas encontram uma brecha no sistema. Um exemplo e não um modelo a ser seguido metodicamente. Uma inspiração





para quem, em meio à hegemonia do discurso racional das lutas sociais, ainda acredita que uma pitada de magia e caos podem ser a chave para novas possibilidades e não uma receita em um programa político.

Mesmo conflituosa e divergente, a ação mostra que uma diversidade de táticas e frentes de luta pode ser muito mais eficiente, tanto a curto quanto a longo prazo.

Diferentes níveis de luta, como ação direta e confronto com forças de repressão, mídia independente e autônoma, comissões legais e porta-vozes, ajudam a distribuir a legitimidade dos movimentos e torna difícil a tentativa do Estado de isolar e silenciar “minorias infiltradas” ou “grupos radicais” do resto da luta.

O sucesso imediato e a continuidade do debate sobre o uso de animais como objetos e sua condição de propriedade em um sistema capitalista conseguem ir para além do reformismo bem-estarista (que visa apenas regular o uso de animais) e desafia o moralismo burguês dos movimentos abolicionistas que se baseiam em princípios pacifistas como valores absolutos.

Para compreender um pouco mais de como foi a luta atrás das barricadas e por baixo das máscaras temos dois textos escritos por pessoas que relatam como foram esses momentos de luta e descrevem sua importância para ações futuras.

Necessitamos de mais debates e, principalmente, mais ações que desafiam as leis e as “receitas de bolo” revolucionárias.

O problema não é a radicalização das ações anti-autoritárias e de libertação. O problema não é atacar ferozmente o sistema, mas sim não continuar atacando. Somente a radicalização aliada ao debate e a uma diversidade de táticas e discursos pode impedir que a legitimidade das lutas seja determinada pela mídia, pelo Estado ou por ativistas privilegiados – empresários, apresentadoras de TV e políticos – que buscam sequestrar lutas sociais organizadas por pessoas anônimas ou invisibilizadas como forma de acumular ainda mais poder e privilégios.



### **1º relato:**

Em meio ao instável cenário político que veio após os protestos de junho de 2013, ativistas pelos direitos animais começaram uma campanha para fechar o Instituto Royal, um laboratório localizado no interior do estado de São Paulo conhecido pelos testes em animais e pelas práticas de vivissecção.

Após alguns dias atraindo atenção para o assunto e para esse estabelecimento em particular, a noite que mudaria como a mídia, a população e até legisladores encaram a vivissecção estava por vir. E sua história seria escrita através da ação direta. Naquela noite, em especial, as pessoas se reuniam em frente ao portão do laboratório atraídas pelas notícias que circulavam nas mídias sociais. No momento que cheguei àquela área rural cortada por estradas de terra e algumas poucas casas, a polícia estava guardando os portões e podíamos ver funcionárixs e seguranças privados andando dentro do prédio. Caminhões entravam e

saíam, aparentemente, levando documentos e animais por medo de uma invasão. Mas essa não era uma ação da Frente de Libertação Animal (ALF)! Pessoas de todos os tipos estavam presentes. Algumas só se importavam com os beagles, outras com apenas cães e gatos em geral, e outras eram ativistas dos direitos animais. Black Blocs também estavam lá e até apresentadoras de tevê que apoiam causas animais chegaram pois a mídia começou a divulgar que uma invasão estaria para acontecer. O que fez com que a mídia burguesa aparecesse e também mais pessoas em geral. A polícia logo ficou em menor número e claramente incapaz de lidar com o fenômeno que tomava forma ali. É importante lembrar que São Roque fica a uma hora de qualquer cidade maior. Em poucas horas éramos muitas à postos naquela estrada sem saída cercada de mato. A estrada termina em um portão com uma largura que cabe 15 pessoas enfileiradas. De repente não parecia mais ser uma barreira e a polícia já demonstrava não estar preparada para a situação. O que pode dizer que eles poderiam reagir de forma

desproporcional, mas como não se tratava do batalhão de choque, era mais provável que iriam apenas recuar. Especialmente devido à diversidade da multidão composta por senhoras de cinquenta ou sessenta anos junto a estudantes e pessoas vestidas como um Black Bloc.

Por volta da meia noite os carros do laboratório não conseguiam mais sair pelo portão e os latidos dos cães nos lembrava que as pessoas do lado de fora não eram as únicas apreensivas. Redes sociais funcionavam fortalecendo centenas de nós que estavam ali. Às das duas da manhã, no dia 18 de outubro, os sinais de haveria uma invasão começavam a ficar óbvios. Bastou alguém de tomar a iniciativa de começar a bater no cadeado do portão com uma pedra para que todo mundo ver que estava na hora. O portão já estava sendo derrubado enquanto gente cortava as cercas e a multidão pressionava em todas as possíveis entradas.

Entramos! Uma pequena estrada leva ao prédio principal, com mais portas a serem quebradas e atravessadas. A polícia só conseguia olhar e a mídia estava lá dentro também com câmeras ligadas. A maioria das

pessoas usava máscaras como em um resgate aberto. Algumas de nós, que temiam o que podia acontecer depois, tínhamos o cuidado de cobrir nossos rostos.

Um por um, quase 200 beagles foram transportados no colo subindo o morro até onde, até poucos minutos, havia um portão onde outrxs ativistxs esperavam com seus carros (praticamente todo mundo chegou lá de carro porque não havia outro meio de transporte para o local a essa hora da noite. Quem libertava os cães de suas jaulas não sabia para onde eles estavam sendo levados. O que importava era que estavam sendo libertos da exploração. Isso foi útil quando ativistas que estavam lá dentro sob o foco das câmeras começaram a ser identificadxs e sofrer acusações por roubar “propriedade privada”. Como argumentamos, as chamadas “propriedades” nunca foram tomadas como posse daquelas pessoas que os tiraram de lá.

Um grupo de advogados voluntários se formou para defender quem era identificado e uma rede clandestina de veterinárixs se dispuseram a remover chip que poderiam identificar animais adotados. Curiosamente, um deputado que atua na área de bem estar



animal também estava presente durante o resgate, atraído pela presença da mídia e pela multidão de ativistas. Ele adotou dois beagles que passaram a morar em sua casa e poucos dias depois a mídia estava lá para filmar os cães e contar sua história. Em seu benefício, a lei brasileira diz que um membro do congresso não pode ser acusado desse tipo de crime enquanto exerce seu mandato. Para pessoas menos privilegiadas, podíamos apenas ter a companhia de alguns beagles sofreram abusos, com sinais de mutilação e traumas psicológicos que às vezes são difíceis de notar.

A invasão foi realmente uma cena caótica, sem planejamento prévio, nenhuma diretiva e provavelmente não é um modelo a ser repetido. Sua espontaneidade foi a mágica que fez com que tudo fosse possível. Sua diversidade foi um fator que fez os números possíveis e a repressão impossível. A compaixão de todo mundo presente foi a força que ampliou seu significado para além dos indivíduos salvos.

Poucas semanas depois, após extensiva e persistente cobertura da mídia sobre o assunto, leis começaram a ser propostas na cidade, no estado e no país. A prefeitura mandou trancar o laboratório e manifestantes mantiveram a pressão até que o Instituto Royal anunciou seu fechamento no dia seis de novembro. Ainda assim, eles recusavam a liberar os animais que ainda estavam lá durante o primeiro resgate. Então uma nova e legítima ação da ALF realizada no dia 13 de novembro por uma pequena célula resgatou os 300 que ainda estavam lá e nenhum animal estava presente para testemunhar os últimos momentos do Instituto Royal.

*“Tendo em vista as elevadas e irreparáveis perdas e os danos sofridos em decorrência da invasão realizada no último dia 18 - com a perda de quase todo o plantel de animais e de aproximadamente uma década de pesquisas -, bem como a persistente instabilidade e a crise de segurança que colocam em risco permanente a integridade física e moral de seus colaboradores, os associados concluíram que está irremediavelmente comprometida a atuação do Instituto Royal para dar continuidade à realização pesquisa científica e testes mediante utilização de animais. Por este motivo, o Instituto decidiu encerrar suas atividades na unidade de São Roque.”*

*– Declaração do Instituto Royal em seis de novembro de 2013 sobre seu fechamento.*



## 2º relato

Nós fomos de carro de São Paulo a São Roque em três pessoas no segundo dia de manifestação. Ativistas que retiraram os cães ficaram a noite toda lá e, no dia seguinte, iriam retirar os roedores que restaram. Eu cheguei em São Paulo pela manhã e nós chegamos no instituto no começo da tarde, a Rodovia Raposo Tavares já estava interditada pela Polícia Militar muito antes. Chegando lá havia muito tumulto e uma divisão bem clara: de um lado, ativistas pacifistas pelos cães com faixas e dizeres cristãos, se recusando a cobrir o rosto e mantendo distância do conflito com o choque. Do outro, pessoas de máscaras e bandanas iam de encontro a linha policial. A polícia parecia estar evitando o conflito e focando na porta do instituto, que já estava fortemente protegida pela PM para evitar a segunda entrada dos militantes. Uma viatura foi incendiada e logo após outro carro de uma emissora de TV também estava em chamas. O choque interviu muito após isso para tentar dispersar a manifestação e me juntei a um grupo que se formou para tentar entrar no instituto através da mata em volta. Pulamos uma cerca e tentamos dar a volta para entrar pela parte de trás onde não havia polícia, mas havia helicópteros sobrevoando o local e nos encondemos em uma casa abandonada. De lá chegamos perto dos limites do instituto para encontrar com uma segurança privada, sem identificação e portando de armas de fogo.

A PM percebeu a tentativa de entrar por trás e começou a perseguir alguns manifestantes dentro da mata. O grupo inicial havia se dividido em vários por não concordar em como entrar no instituto. Havia ainda ativistas que se recusam a cobrir o rosto por insistir em que resgatar animais não

consistia em crime. E foi esse o sentimento que persistiu do começo ao fim. Considerando que as pessoas que organizaram a manifestação inicial são pacifistas e cristãs, houve muita desorganização por conta desse racha ideológico. As pessoas pacifistas colocaram muito em risco a identidade e segurança de quem se dispôs a entrar no instituto e enfrentar a polícia.

Por fim, encurraladxs, saímos da mata muito longe do instituto e fomos cercadxs por bombas de gás. A manifestação foi se dispersando no fim da tarde e só nos restou o plano de voltar em outra ocasião.

Havia pessoas de várias partes do país. Todas as placas, cercas, carros e estruturas no perímetro do instituto foram destruídas. Em comparação a junho de 2013, houve muito mais organização, disposição em se arriscar e união. Todxs presentes nas ações radicais sabiam claramente qual era o objeto, e que tal objeto era extremamente legítimo. Motivadxs de maneira quase emotiva, ficou muito claro que aquele era apenas o começo e que a PM não era capaz de frustrar nossas tentativas, tamanha a presença e vontade de muitas pessoas dispostas a libertar aqueles animais, por quaisquer meios necessários. Esse evento inspirou o resgate das chincilas em Itapeirica e outros. E independente de rachas ideológicos, foi possível conciliar a disposição dos Black Blocs em se arriscar com a força legalista para fechar o instituto Royal permanentemente e proteger as pessoas que tiveram suas identidades expostas.

Um acontecimento sem precedentes no Brasil e uma semente que, acredito eu, ainda vá germinar em forma de um Frente pela Libertação Animal concreta.



# **Recife: PODER, AUTONOMIA COTIDIANO E MACHISMO**

### **3. RECIFE: PODER, AUTONOMIA, COTIDIANO E MACHISMO – ALGUMAS LETRAS SOBRE ALGUNS RECIFENSES.**

Sempre existem pessoas atrás dos textos. Nós que sempre escrevamos tentando apagar os vestígios das nossas mãos, compreendemos que esse texto não é escrito em um momento comum. Por isso, começamos deixando explícita a nossa posição, para além de ser mais honesto nesse contexto, tornará mais compreensível nossas opiniões. Não conhecemos nossos leitores e nem vocês nos conhecem. Somos homens (demarcação de gênero fundamental nos tempos presentes) que, nos últimos anos, tocavam alguns projetos coletivos na cidade de Recife. Falamos no passado porque é importante demarcar que agora nossos caminhos estão separados e enquanto alguns continuam potencializando

construções antigas, para outros essas estão sendo repensadas.

Em síntese, vivemos um momento de ruptura. Éramos um vidro cheio de rachaduras que foram crescendo com a ajuda de algumas pedras até virarmos estilhaços. Estilhaços que agora se fundem desuniformemente.

Nosso objetivo principal aqui é fazer um balanço dos nossos últimos anos e de como interagíamos com nosso entorno – algo difícil e que será sempre parcial e falho. Voltemos alguns anos para esclarecer que nos momentos antes de junho de 2013, supostos "tempos de calma", tocávamos o Recife Resiste, um projeto de contra-informação cujo grande princípio era: a luta deve existir cotidianamente. Nosso esforço principal era o de fazer uma filtragem das notícias transmitidas pela mídia corporativa pernambucana para divulgar a notável regularidade com que atos de revolta eclodiam pela região metropolitana.

Protestos contra o estrangulamento diário dos transportes públicos, a falta d'água, a infraestrutura urbana precária; greves de todo tipo, desde as mais radicais, ao exemplo da greve dos operários da refinaria Abreu e Lima em SUAPE que negou os empresários tanto quanto o sindicato, até as bem comportadas, já com hora marcada pra acabar. Também vivíamos e construíamos eventos que propiciavam encontros fortuitos e políticos como o Escambo Coletivo - evento periódico de agitação cultural em Paulista -, os grupos de estudo sobre anarquistas ou filósofos libertários na universidade ou a forte mobilização pela autogestão nos diretórios acadêmicos. Nessa época, alguns anos antes de 2013, surgiam algumas movimentações apartidárias em torno do cotidiano sufocado da cidade como

a Bicletada que como em várias outras cidades surgia com poucos participantes, mas com teor radical e horizontal e que mais tarde seria engolida pelos ciclistas-cidadãos cuja prioridade era eliminar qualquer faísca para assim evitar o incêndio. Apareciam também as mobilizações contra a especulação imobiliária numa cena apartidária ora baseada em produção cinematográfica e artística em geral, ora em pura incursão burocrática pelas armadilhas labirínticas das instituições democráticas e, mais tarde, já como Ocupe Estelita, em ocupação urbana de fato.

Tudo isso, entretanto, não foi nada sem nossa mobilização interna, sem nosso movimento de habitar casas coletivas, sem nossas partilhas com a vida e reflexões de outros grupos pelo mundo que nos levou a construir com firmeza algumas posições radicais como o anonimato, por exemplo, que mostrou sua importância nas mobilizações contra o aumento das passagens de 2012. Também foram movimentos importantes sair do centro, mas também da cidade, buscar a periferia, o campo.

Enquanto não circulava a adrenalina da rua, estávamos atuando numa série de pequenas iniciativas. Um grupo de contra-informação, por exemplo, munido de um transmissor FM, sediado na periferia da cidade que através de alguns eventos culturais promovia debates políticos nos espaços públicos da região. Acompanhávamos greves e protestos que julgássemos legítimos e, utilizando mídia independente e "redes sociais", às fortalecíamos – apesar da nossa constante resistência ao Facebook que envolveu o fechamento de quase todas as nossas contas pessoais e coletivas antes mesmo de 2013. Na zona rural da cidade, alguns entre nós formaram um grupo sólido que participava

de mutirões de agroecologia e promovia encontros com a juventude do campo num trabalho de formação política semanal.

Esse era o cotidiano, o ordinário, a “calmaria”. Uma rede dispersa de acontecimentos de pouca força que era atravessada por algumas explosões, como a revolta das passagens em 2005 ou a ocupação da reitoria em 2007. Tratávamos a normalidade como um cotidiano que estava sempre em movimento: se a opressão não para, as resistências também não. Parecemos, portanto, problemática a noção de “calmaria”, ela não explica nosso contexto. Antes de 2013 não vivíamos parados, pelo contrário, foi um momento político muito efervescente para nossa coletividade. O invisível não é igual à inércia. A falta de percepção do momento de “calmaria” como fluxo cotidiano de luta revolucionária é um dos principais equívocos de algumas subjetividades anarquistas e organizações de extrema esquerda no pós-junho.

A crença no protesto de rua como meio de luta supremo é como a crença na greve geral de outrora. Toma-se aquele acontecimento como o momento revolucionário por excelência, forma acabada de destituição do poder, e mede-se o nível de intensidade revolucionária pelo nível de destruição dos símbolos do capitalismo e do Estado. Claro que não estamos querendo negar a vivacidade daquelas batalhas de rua, é de arrepiar os pelos quando relembramos do Choque recuando sob chuva de pedras e coquetéis molotov na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, em junho, ou das inúmeras performances ao estilo Black Block em várias partes do país. Mas o problema é quando toda essa estética da radicalização e da violência serve à personificação espetacularizada do *eu*, ao acúmulo de capital simbólico nas redes sociais – o glamour *cool* de ser Black Block. O cotidiano, dessa forma, se reduz a uma lacuna de tempo à espera de outra grande explosão, de outro grande protesto capaz de



gerar uma nova situação de destruição e combate. A insurreição grega de 2008 evidenciou que vencer a polícia, arrasar os bancos e derrotar temporariamente um governo ainda não significa destituir o poder. Enfim, o cotidiano e os grandes acontecimentos são ambos centrais para que enforcemos a civilização com as tripas do último capitalista.

O poder não nos domina do exterior, o poder nos atravessa. Aliás, ele domina do exterior e nos atravessa. O poder está no consumo imperceptível das sementes transgênicas da Monsanto, no uso introjetado e normalizado da medicina alopática e na ignorância dos métodos “naturais”, no silêncio da voz de uma mulher, nas cesarianas, na pornografia, no despertador. Está, por fim, em toda a expropriação de afecções e conhecimentos ancestrais que a civilização precisou realizar para fundar uma forma de viver inteiramente mediada pelo dinheiro. Destituir o poder é localizá-lo e torná-lo supérfluo.

Em outras palavras, essa localização do poder nos serve para pensarmos como escapar dele. Nesse sentido entendemos a autonomia como um processo contraditório e de caráter parcial de reconstrução das nossas relações. A autonomia quer dizer se apropriar de conhecimentos técnicos, daquilo que constitui nossos hábitos, nosso viver, nossa alimentação, nosso corpo, nosso sexo e tornar a mediação do poder supérflua. Que o carro, os agrotóxicos, o anticoncepcional e o Rivotril, o supermercado, os aluguéis, o emprego e etc. não mais nos constituam é tarefa do cotidiano, da forma como vivemos e que nos constitui como força revolucionária. Porém ela é mais do que isso, deve ser pensada como um processo que está além da apropriação de técnicas materiais, mas que

se relaciona com a construção de relações de autonomia. É central que todos sejam capazes de ser agentes na constituição das suas vidas e que essa constituição possa ser problematizada. O saber (fundamental estrategicamente) não pode ser um fim em si mesmo, pois ele também reproduz as dominações.

Porém, parece que um dos nossos principais erros foi não perceber as contradições que movem a realidade. Um ideal de harmonia rondava nossas construções em uma busca de um cotidiano puro: fora do Capital e do Estado. Herança romântica que eclodiu como tinha que ser. Fomos aos poucos nos institucionalizando, as vozes de mando eram claras e centralizadas, as opressões de gênero não foram devidamente problematizadas, cada um foi se especializando em algo (fosse por preferência ou por opressão). Essa nova onda feminista teve o valioso resultado de escancarar isso, de demonstrar que as coletividades construídas levando em consideração os afetos não são menos opressoras. Nós, que aqui escrevemos, tivemos que nos deparar com a realidade de exercermos papéis que, mesmo que algumas pessoas não acreditem, nunca desejamos conscientemente. O machismo estava entre e dentro de nós e a solução foi a dissolução. No processo de ruptura que vivemos, as prisões e os desgastes dos grandes protestos tiveram menos impacto do que um caso específico de agressão machista com o qual não soubemos lidar coletivamente. Esse caso foi o primeiro com o qual tivemos que lidar (o que já revela a naturalização do machismo nos nossos cotidianos) e erramos de várias maneiras.

Havia uma ideia de que sendo libertário logo éramos também feministas. Mas o patriarcado está em todas as partes e estava

também atravessado em nossas construções. Desde sempre os espaços eram centralizados por homens e percebíamos, muitas vezes com incômodo, que as mulheres falavam pouco, ou não falavam. Parece que quando alguns de nós, numa certa época, olhávamos com desconforto para os espaços políticos exclusivo de mulheres, até pensando em separatismo, não compreendíamos que praticamente todo o resto era espaço exclusivo masculino e que éramos nós mesmos que, como homens, construíamos a separação, tomando "nossos" espaços como neutros. Pouco fazíamos para repensar isso. A urgência dos projetos deixava as mulheres numa situação de se adaptar ou se afastar e muitas vezes encarar a culpa do afastamento, como se elas não tivessem se esforçando o suficiente, se politizando o suficiente, se entregando o suficiente.

Muitas vezes algumas iniciativas tocadas por mulheres soava como um desvio, uma instiga individual que no máximo continha uma relação marginal com o nosso devir revolucionário. Não se trata de se perceber desconstruído hoje, mas de dar um passo à frente fundamental e de nos percebermos tão invisivelmente atravessados pelo gênero que até nas formas de vida mais insurgentes também estávamos ali a ser porta vozes do patriarcado. Somos machistas, mas mais que isso. E o caminho que esse passo abre no horizonte ainda parece desconhecido, ainda está indefinidamente aberto, mas talvez seja uma reconstrução do nosso devir revolucionário pós insurgência "interna" feminista. Talvez a reconstrução do próprio "Nós". Para aqueles que nos leem cabe construir sua própria luta anti-machista, seu próprio caminho, sua própria desconstrução, mas não cabe mais ignorá-la.



*“ai ferri corti con il mondo”*

**[faccaficticia.noblogs.org](http://faccaficticia.noblogs.org)  
[facfic@riseup.net](mailto:facfic@riseup.net)**